... E A MULHER ROMPEU O SILENCIO

A propósito do segundo Encontro sobre a produção teológica feminina nas Igrejas cristãs

Maria Clara Lucchetti Bingemer

O Reino de Deus se manifesta numa mulher que o demônio impedia, há dezoito anos, de levantar a cabeça. Inteiramente recurvada, não podia de modo algum olhar o mundo que a cercava desde outra perspectiva senão aquela que lhe era imposta pelo espírito que a possuía. Seu lugar, assim, ficava restrito ao chão e não podia pretender as alturas, o topo das árvores e das montanhas e os espaços infinitos. Um dia, Jesus estava ensinando numa sinagoga. E era sábado. Vendo a mulher, impôs-lhe as mãos e disse: "Mulher, estás livre de tua doença". Quem estava por perto e viu, conta que a mulher se endireitou e glorificava a Deus. Desconhecendo o lugar que lhe havia sido imposto por tantos anos, levantava os olhos e descobria diante de si, desdobradas, as possibilidades de uma nova vida (cf. Lc 13, 10-13).

O Reino de Deus se manifesta ainda numa mulher samaritana que foi buscar água no poço de Jacó. O judeu que se encontrava sentado à beira do poço pediu-lhe de beber. Como aquilo quebrava todas as regras da sociedade em que viviam, — onde os judeus não falavam com os samaritanos nem os homens dirigiam a palavra em público às mulheres, — ela se surpreendeu e respondeu. Conversaram muito tempo. Ele lhe falou do dom de Deus, da água viva e dela mesma. Revelou-lhe sua verdadeira identidade e mostrou-lhe onde estava a verdade sobre si própria e sobre o Deus que judeus e samaritanos pretendiam, cada qual por sua vez, conhecer. Revelou-lhe seu nome e entregou-lhe nas mãos o segredo de uma nova vida. Deslumbrada com essa descoberta e vendo-se por primeira vez tal qual era, deixou o cântaro que a escravizava ao poço e saiu dizendo a todos: "Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz" (cf. Jo 4, 1-29).

O Reino de Deus se revela também na palavra de uma mulher cananéia que, ao ver Jesus, saiu atrás dele gritando e pedindo pela cura de sua filha. Os homens que estavam por perto e cercavam Jesus queriam de todas as maneiras fazer calar a mulher e reduzi-la de novo ao silêncio de onde nunca deveria ter saído. Mas ela, agora que havia tomado

a palavra, já não podia pensar em voltar a calar-se. Pediu e gritou, falou e argumentou, até que o Filho do Homem lhe dissesse: "Seja feito como queres!" (Cf. Mt 15, 21-28).

Estas três mulheres que aparecem nos Evangelhos podem ser consideradas figuras-símbolo das etapas por que passa a caminhada da mulher na busca de um lugar e uma identidade novas, e na tentativa do exercício de uma missão teológica nas Igrejas cristãs. Examinando o conteúdo dos diversos encontros sobre a teologia feminina já realizados no Brasil e na América Latina, vemos que, pouco a pouco, a mulher vai encontrando o caminho que Deus deseja para ela. Mas esse encontrar não se faz de uma só vez, senão passando pelos necessários passos de desconhecer o próprio lugar como a mulher encurvada de Lc 13; de acolher a revelação da própria identidade, como a samaritana de Jo 4; até chegar, por fim, a romper o silêncio e fazer ressoar sua palavra. A ruptura desse silêncio secular que dilatou os pulmões e a garganta da cananéia de Mt 15 desata, neste momento, as línguas de várias mulheres, — irmãs e companheiras no seguimento de Jesus e na luta pela construção do Reino, — que começam a fazer chegar de todas as partes aos ouvidos das Igrejas uma nova palavra teológica.

Um silêncio de séculos

O itinerário da mulher pelos árduos e belos caminhos da teologia no Brasil parece haver chegado a um momento "audível", ou seja, ao momento em que começa a ser sonoramente devolvida ao discurso teológico a perspectiva feminina como o "outro" lado da experiência humana, durante séculos silenciado e escondido. A afirmação da teóloga alemã Elizabeth S. Fiorenza de que nós, mulheres, temos sido não apenas a "maioria silenciosa", mas também a "maioria silenciada" na Igreja¹ aparece, então, por contraste, em toda a sua pertinência teológica. No momento em que as mudas falam, em que as invisíveis se visibilizam, o silêncio e o anonimato em que se encontravam antes é denunciado, ao mesmo tempo em que o Reino é proclamado e a Revelação de Deus se mostra.

Isso é o que pôde ser sentido, concretamente, pelas quarenta e cinco participantes do segundo Encontro Nacional sobre a produção teológica feminina nas Igrejas cristãs, realizado no Rio de Janeiro, de 29 de maio a 1º de junho de 1986. Das participantes, vinte e nove eram católicas, entre leigas e religiosas, e dezesseis de diversas denominações evan-

¹ Cf. E. SCHÜSSLER - FIORENZA, Quebrando o silêncio: a mulher se torna visível, *Concilium* 202 (1985/nº 6) 8 (618).

géticas (metodistas, luteranas, pentecostais da Assembléia de Deus). Estiveram presentes, também e pela primeira vez, dois homens, pastores das Igrejas metodista e luterana, interessados no tema da teologia feminista e da história da Igreja a partir da perspectiva da mulher.

A diversidade de áreas de proveniência e de atuação a que pertenciam as participantes enriqueceu o Encontro com um sadio pluralismo de experiências e conteúdos. Encontraram-se, aí, desde agentes de pastoral vivendo em meio aos índios e com inserção direta nas CEBs até profissionais da área de Psicologia e Pedagogia engajadas na luta pelos Direitos Humanos, professoras de Bíblia, Teologia Sistemática e Teologia Moral, passando por experiências tão originais e revolucionárias como um trabalho na área da Arte sacra (a construção de uma catedral popular).

Desde o tempo de preparação do Encontro até a montagem mais imediata da programação nos dias que o antecederam, algo foi se evidenciando e se impondo com força crescente. Algo que naqueles dias se afirmou com evidência incontestável: a mulher rompeu o silêncio e começou a falar. E esse *falar* seu não é mais apenas um balbúcio hesitante de quem teve a língua recém-desatada, nem tampouco a catarata verborágica que deu margem à mentalidade popular que considera a incontinência verbal como uma das características do feminino. Trata-se de um novo *falar*, um outro *falar*, um assumir e tomar a palavra consciente e coerentemente, num discurso articulado e sistematizado. Discurso, porém, que traz uma marca própria: a marca de um outro “jeito que não exige que apenas a razão apareça como única mediadora universal do discurso teológico, mas que inclui um leque vital de mediações que ajudam a exprimir o vivido sem esgotá-lo, um discurso que faz perceber que há sempre algo mais que a palavra não consegue dizer”².

De sua secular aprendizagem de silêncio, a mulher traz esse saber adquirido, antigo e sempre novo: o de que palavra e silêncio, em harmoniosa combinação permeada de gestos, profecias, cânticos, lamentos, conselhos, são capazes de articular, — mas nunca de esgotar — o mistério da presença do divino no humano, “não apenas porque nos foi dito”, mas porque o experimentamos concretamente na existência³.

Chegar a este ponto, no entanto, não foi tarefa fácil e não se fez sem luta e sofrimento. Não é sem lágrimas que se pode romper um silêncio de séculos, uma antiquíssima exclusão da linguagem sobre Deus, da sua

² I. GEBARA, A mulher faz Teologia — Um ensaio para reflexão, *REB* 46 (1986) 8.

³ Id., *ibid.*.

imagem e da articulação teológica do mundo⁴. A própria caminhada dos encontros de mulheres teólogas, no Brasil e no continente, revela as dificuldades e a lenta progressividade com que os passos foram sendo dados. Essa memória histórica é, pois, reservatório precioso para que se possam recuperar, constantemente e a cada momento, os avanços e recuos, as conquistas e derrotas na luta da mulher por dizer sua palavra e por permitir à Palavra Criadora que a diga e que a re-crie constantemente em seu ser de mulher.

Recuperar a memória significa, em termos imediatos, recuar até junho de 1985, quando o primeiro grupo de mulheres teólogas do Brasil se reunia em Petrópolis.

“Desconhecendo” o próprio lugar

Em seu comunicado do “Primeiro Encontro sobre a questão da mulher nas Igrejas cristãs”, Ana Maria Tepedino assim se explica sobre o título: “*Mulher: aquela que começa a “desconhecer seu lugar”*”: “Desconhecer seu lugar é a realidade que a mulher começa a experimentar. Até hoje o lugar que ela ocupa na sociedade e na Igreja é um lugar subalterno, passivo, que lhe foi outorgado pela cultura machista. Para se desdobrir como pessoa e se afirmar, ela precisa primeiro ‘desconhecer’ esse lugar que lhe foi imposto e que foi por ela introjetado”⁵.

Na descoberta da urgência de sua luta, ficou claro desde o início que a mulher não está sozinha nesse “lugar” que precisa “desconhecer”. Compartilha-o com os pobres, os negros e os índios, os marginalizados de toda espécie. Sua opção é indissociável da luta mais global da opção pelos pobres, da transformação social e da construção laboriosa do Reino.

Para evitar conflitos e não quebrar uma aparente harmonia, a mulher durante um longo tempo aceitou e calou-se no lugar que lhe foi imposto. Sem perturbar a ordem estabelecida pelos varões, continuou trabalhando no anonimato das funções subalternas, cumprindo seu papel de mão-de-obra barata, abundante, simpática e eficiente. Com o espaço aberto, no entanto, pelo novo modelo de Igreja que emerge das bases, cria-se um tipo de relação pastoral diferente: a mulher vai exercendo funções de uma maneira nova, assumindo lideranças nos mais diversos campos, conquistando novos espaços e, finalmente, refletindo e come-

⁴ Cf. E. SCHÜSSLER - FIORENZA, art. cit., 19 (629).

⁵ A. M. TEPEDINO, A mulher: aquela que começa a “desconhecer seu lugar”. Comunicado do Encontro sobre a Questão da Mulher nas Igrejas Cristãs, *Persp. Teol.* 17 (1985) 375, nota 1.

çando a articular um discurso sobre suas novas experiências.

A este "desconhecimento" do lugar da mulher corresponde, portanto, um "desconhecimento" do lugar da própria Igreja. Deixando atrás o lugar desde o qual preferencialmente realizava seu anúncio e seu trabalho pastoral, caminhando em direção à margem, a Igreja de Medellín e Puebla alia-se aos marginalizados de toda espécie, que se sentem sujeitos participantes e ativos da comunhão eclesial, responsáveis pela construção do Reino. Com isso, a comunidade eclesial volta ao seu "primitivo lugar", o "lugar" normativo da Primeira Igreja, onde "não havia necessitados" (cf. At. 4, 34), onde mulheres e homens compartilhavam ombro a ombro diversos ministérios e serviços: instrução na fé e animação das comunidades (At 18, 26), anúncio do Evangelho (Jo 4, 42; 20, 17); diaconia da mesa (Jo 12, 2) etc.

O primeiro Encontro de mulheres teólogas do Brasil foi marcado do começo ao fim por esta constatação: a de que a mulher começa a desconhecer o lugar que lhe foi atribuído para elaborar uma nova teologia. E a teologia, que sempre foi pensada e elaborada por homens, começa a ser campo de exploração e novas descobertas de todas essas que estão do "outro" lado, vivendo "outras" experiências: como a de acolher, parir e alimentar a fragilidade da vida que remete, constantemente, ao Autor da Vida, o mesmo que se autodefine no Evangelho como aquele que veio para que todos tenham vida, e vida em abundância⁶.

As discussões e conclusões do Encontro direcionaram-se no sentido da constatação de que existe uma especificidade feminina no fazer teológico. A mulher tem a missão e as condições de fazer sua Teologia de forma integrada, combinando o intuitivo e o racional, a afetividade, a mística e a cientificidade; é portadora de uma nova perspectiva para ler a Bíblia, nela recuperando as principais lutas de suas companheiras que ajudaram a fazer a história do Povo de Deus; tem a possibilidade de recolher e elaborar a teologia assistemática que sai, em estado bruto, das mãos calosas, dos corações experientes e das bocas sábias das mulheres do povo; é chamada a experimentar e anunciar uma nova idéia de Deus, superando o Teísmo patriarcal pela Comunhão trinitária; é chamada, ainda, a superar tradicionais preconceitos em relação a si própria, no campo da Ética, da Moral Sexual, do pecado e da culpa, dos ministérios, da Mariologia.

Essa primeira tentativa de reunir as mulheres cristãs empenhadas no fazer teológico no Brasil abriu uma nova possibilidade de que a mulher caminhe no progressivo "desconhecimento" do lugar anônimo e si-

⁶ Id., *ibid.*, 377.

lencioso que tradicionalmente lhe foi imposto para assumir o novo lugar de uma identidade descoberta por si própria, sem imposição de nenhuma espécie. Propõe-se, assim, seguir cada vez mais os passos de Jesus, judeu piedoso para o qual "não havia lugar" na sociedade injusta e nas instituições religiosas do seu tempo. As mulheres reunidas em Petrópolis em junho de 1985 saíram daquela reunião dispostas a caminharem cada vez mais para longe do seu "lugar", no encalço de Jesus, em busca de um novo lugar e uma nova identidade para fazer uma nova teologia.

A re-velação da própria identidade

O próximo marco do itinerário da mulher brasileira e latino-americana em busca de um novo rosto humano e teológico passa por Buenos Aires, Argentina, em novembro de 1985. Ali se reuniram, sob o patrocínio da ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo), mulheres dos diversos países da América Latina, especialistas não só em teologia, mas também em outras ciências afins, trazendo em comum o amor por Jesus Cristo e a paixão pelo povo⁷.

Cada participante trazia também consigo um trabalho, fruto de sua experiência como mulher, como cristã, como especialista em algum campo das ciências humanas, como teóloga. Esses trabalhos foram apresentados em painéis e discutidos entre as participantes e traziam todos, ao fundo, a mesma pergunta: *Que é ser mulher?* Aqueles dias intensos de Buenos Aires foram o espaço e o tempo onde se pôde tentar descobrir a identidade da mulher, de sua experiência de Deus, de sua forma cotidiana de viver a fé e a religião.

Constatou-se que "o ser mulher é algo muito difícil de se definir, pois aí se entrecruzam estereótipos impostos e anseios particulares daquilo que gostaríamos que a mulher se tornasse... Houve um consenso geral em tentar dar um nome a nossa identidade. Não no sentido de definir qualidades exclusivas femininas, mas acentos ou matizes predominantes na mulher"⁸.

No decorrer do Encontro, vários temas foram abordados, procurando desbravar essa floresta de características e encontrar traços comuns. Assim foram acontecendo colocações sobre a Bíblia, a Espiritualidade, Deus, Jesus Cristo, a Trindade, Maria; desfilaram experiências pastorais com as mulheres andinas do Peru, as camponesas da Colômbia,

⁷ Cf. *REB* 46 (1986), onde estão publicados alguns dos trabalhos apresentados neste Encontro.

⁸ E. TAMEZ, A força da nudez: Reflexões sobre o Encontro de Teologia feminina realizado em Buenos Aires, *REB* 46 (1986) 159-160.

o Movimento Popular do México. Em tudo isso ficou bem claro o específico que marca a teologia feminina latino-americana. Não se trata de uma teologia vindicativa e excludente. Nossa intenção não é eliminar os companheiros varões nem exterminar o discurso teológico atual. Nossa luta é contra o machismo, ideologia que escraviza e oprime tanto a mulher quanto o homem, recriando uma teologia onde homens e mulheres possam pensar e proclamar juntos a palavra programática de Paulo na carta aos Gálatas: "Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos sois um só em Cristo Jesus" (Gl 3, 28)⁹.

Mas para que isso aconteça, é preciso "desnudar-se". Desnudar-se da roupagem com que a mulher foi secularmente revestida. Roupagem feita de passividade, aparente concórdia e comportada aquiescência. Atrever-se a despir-se e expôr-se aos embates da vida, às lutas e ao desafio de criar algo radicalmente novo. Re-descobrir-se portadora de um nome, de uma existência real, embora oculta, ignorada e silenciada pela história. Esse nome, pronunciado na aurora da Ressurreição, traz no seu bojo uma missão: "Maria... Vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus" (Jo 20, 16-17).

As vinte e oito mulheres latino-americanas reunidas em Buenos Aires, conscientes de serem portadoras deste nome e desta missão, compartilharam as suas diferentes maneiras de fazer teologia, encontrando entre si características comuns. Perceberam-se descobridoras de uma nova metodologia teológica, que busca ser: integradora de diferentes dimensões humanas, comunitária e relacional, alegre e celebrativa, livre e aberta à capacidade de acolher diversas interpelações e achegas¹⁰. Essa liberdade, essa abertura, são percebidas pela mulher que se debruça sobre a tarefa teológica, como um dom do Espírito, que move e sopra onde quer e que permite reconhecer naquele que chama por "Maria" no jardim o Ressuscitado que envia em missão para anunciar a Boa Nova. Ouvir o próprio nome da boca do Ressuscitado é o caminho para descobrir a própria identidade e assumir com as companheiras tarefas comuns na construção do Reino¹¹. É também o convite decisivo que leva a romper o silêncio e tomar a palavra: "Vai e dize-lhes". É em direção dessa Palavra, desse fazer audível sua teologia, que a mulher continua o seu

⁹ Id., *ibid.*.

¹⁰ Cf. Documento Final do Encontro Latino-Americano de Teologia na ótica da mulher, *REB* 46 (1986) 167-168.

¹¹ Cf. no Documento final citado acima, na nota 10, p. 169, o resumo dessas tarefas assumidas pelas mulheres no Encontro de Buenos Aires.

caminho nas Igrejas cristãs da América Latina e do Brasil.

A ruptura do silêncio

Não sem razão o encontro deste ano chamou-se "Encontro sobre a *produção teológica* feminina nas Igrejas cristãs"¹². Esta produção teológica, abundante, rica e variada, em torno da qual giraram aqueles três dias, foi apresentada em cinco mesas: de Pastoral, Bíblica, Ética – Direitos Humanos – Psicologia Social, Teologia e Vida Religiosa. Intercaladas e aprofundadas com trabalhos de grupo e plenários, essas mesas trouxeram à tona a palavra da mulher, que se fez ouvir, articulada e coerente, rompendo o secular silêncio onde se encontrava.

"Organizar a esperança dispersa", ajudando a superar a "má notícia" que oprime e esmaga os pobres pelo anúncio da "Boa Nova", é o que a mulher tem feito no seu trabalho pastoral por esse Brasil. Entre os Índios Maxakali, em Minas Gerais, nos Clubes de Mães e fornos comunitários do município de Canoas, no Rio Grande do Sul, na zona de prostituição de Recife, em Pernambuco, e em muitos outros lugares e campos, a mulher vai semeando a vida que nasce das pequenas lutas, da organização embrionária, da solidariedade, da escuta e meditação da Palavra de Deus. Vai descobrindo e ajudando a descobrir seu papel na reconstrução de uma nova Igreja e uma nova sociedade.

O estudo da Bíblia feito pela mulher traz elementos bastante novos na percepção da Revelação que Deus transmite ao povo. Pela primeira vez são lidas em novas perspectivas passagens e textos que falam da opressão da mulher numa cultura machista. O capítulo 19 do Livro dos Juízes, por exemplo, é visto em toda a agudeza de seu gênero literário de "história de terror". A mulher que jaz na soleira da porta, assassinada, entregue em substituição ao homem à sanha assassina do povo estrangeiro, despedaçada em sua identidade, quem estenderá a mão? A resposta está em outros textos da mesma Bíblia que atualizam formas de resistência e vida das mesmas mulheres: Gn 39, por exemplo, onde Tamar usa do artifício da sedução e até mesmo da prostituição para fazer com que seu sogro Judá cumpra a lei do levirato e lhe dê a descendência a que tem direito, sendo relacionada assim, mais tarde através de seus filhos, na genealogia de Jesus; os livros de Ester e Judite e a história de muitas outras, cuja luta vale e se afirma na história do povo. Estão, ainda, as mulheres que integravam o movimento de Jesus, "segundo-o", e "servindo-o" como verdadeiras discípulas, testemunhas oculares da

¹² Um relatório mais detalhado deste Segundo Encontro sairá proximoamente num dos números de *SEDOC*.

morte e do sepultamento, mensageiras da "vida nova". A mulher assassinada e despedaçada de Jz 19, a resposta é dada pela palavra e pelo silêncio, pela presença e pela ausência de suas companheiras que foram tecendo com suas vidas a urdidura polifacética da Revelação de Deus e agora trazem seu testemunho a partir do avesso da história.

No campo da Teologia Moral, a mulher se movimenta entre dois radicalismos: o machismo que a subjuga e utiliza e o marianismo, que lhe justapõe um estereótipo idealizado e irreal. A partir daí, sua presença e sua luta desafiam a moral a se tornar menos racional e casuística e mais experiencial e humana, libertadora enfim. Neste processo de libertação, a mulher, por sua aliança indestrutível com a terra, com as fontes da vida, é peça fundamental na luta pelos direitos humanos, pela sua capacidade de superação de tudo que aliena e impede a vida mais plena.

A Teologia feminista se faz ouvir, então, como produto de um processo coletivo, brotado das experiências das próprias mulheres. Na América Latina, concretamente, essa teologia tem o desafio de resgatar e incorporar as lutas das mulheres negras, índias, pobres, universalizando-as e levando-as para além das fronteiras do continente. Uma nova reflexão teológica sobre a figura de Maria também se faz essencial. Modelo máximo de mulher para a fé cristã e figura de extrema importância no mundo religioso popular latino-americano, Maria — mulher que, em sua pessoa, carrega a simbologia do coletivo Israel, que em sua corporeidade feminina leva a salvação de Javé para o povo, que em seu cântico da libertação, o Magnificat, proclama o programa de Deus nos tempos messiânicos, — é inspiração para aquelas que, em todo o continente latino-americano, participam das lutas e aspirações dos mais pobres, no Movimento popular e nas CEBs, nas ruas e nas Igrejas. O mistério de Maria, que sob a força do Espírito e habitada pela Palavra, rompeu o silêncio e cantou, que formou a carne do Filho de Deus de sua carne de mulher, é peça fundamental do fazer teológico da mulher que, por toda parte, faz ressoar um novo canto e uma nova palavra.

Entre estas mulheres que, progressivamente, rompem o silêncio e se fazem visíveis e audíveis, a religiosa tem uma contribuição fundamental a dar. Encetando uma caminhada que vai da descoberta do mundo moderno à inserção nos meios mais pobres, de uma autocompreensão a partir dos votos em direção a uma autocompreensão a partir da missão, a Vida Religiosa feminina procura re-fundar-se, num retorno fiel e dinâmico à experiência de Deus que reside no carisma que deu origem a cada congregação. O carisma serve, então, de inspiração e força para a gestação de um novo projeto de vida religiosa feminina, de uma nova maneira de ser mulher consagrada a Deus e ao povo.

A impressão de fundo deixada pelas colocações das participantes revelou um crescimento qualitativo em relação ao Encontro do ano passado e mesmo ao de Buenos Aires. Enquanto no Primeiro Encontro, as mulheres tinham necessidade de descobrir-se uma às outras, "desconhecendo" o lugar onde tinham sido secularmente colocadas, e em Buenos Aires despiam-se de seus "revestimentos" e revelavam seu rosto e sua identidade, neste Segundo Encontro nacional, sentiu-se uma grande necessidade, por parte de todas, de falar, de serem ouvidas, de mostrar seu trabalho. E isso foi feito, tendo como resultado a percepção de que a mulher é portadora de um novo falar, de uma nova palavra pertinente e profunda, competente e articulada. Palavra essa que reclama, por sua vez, para ser avaliada, novos critérios e novos parâmetros.

O objetivo do próximo Encontro deverá ser, pois, aprofundar um único tema central e fazer um exercício teológico em comum sobre ele. Assim, poderá ser dada às Igrejas mais uma contribuição que tentará fazer avançar o processo de devolver à linguagem teológica sua capacidade de tocar em alguns dos centros vitais da existência humana, resgatando-lhes a dimensão misteriosa, poética e gratuita, refletindo-os de forma ordenada e comunicável, sob a ótica daquela que Deus criou em estreita aliança com as fontes da vida.

"...Até que Ele venha..."

O mundo de hoje está assistindo ao fenômeno da mulher que toma a palavra. De oprimida a reivindicadora, de esquecida a mal lembrada, a mulher se faz ouvir. Em todas as áreas da sociedade, em todas as fatias do mercado de trabalho, em todos os campos do saber, ela aparece sempre mais, assumindo cargos e funções, executando tarefas de responsabilidade, explicitando num novo discurso suas novas formas de presença.

Na Teologia, assistimos também ao milagre da ruptura do silêncio por parte dessa outra metade da humanidade que até agora ficara à margem do lado visível dos processos históricos. E sua irrupção cada vez mais forte e evidente faz perceber que essa aparente ausência consistia, na verdade, na contrapartida de uma presença que, desde o "outro" lado, no avesso dos tempos, tecia uma espessa e consistente trama, feita de dores e alegrias, angústias e esperanças, morte e vida. É essa trama que agora vem à luz, com suas múltiplas cores e matizes, des-velando diante do mundo insuspeitados aspectos da Revelação de Deus que invade a história e ressoa no parto da Nova Criação.

A mulher, após "desconhecer o seu lugar" e descobrir o rosto de sua identidade, visibiliza-se e toma a palavra, na sociedade e na Igreja. E

a Palavra, que na plenitude dos tempos, tomou carne de homem e de mulher, se torna anúncio alegre e esperançoso na boca de toda esta multidão de silenciosas-silenciadas, que agora se unem num só coração, numa só alma, num só cântico, contando a todos a Boa Nova da morte e ressurreição do Senhor... .. até que Ele venha (cf. 1 Co 11, 26).

Até que Ele venha, estarão as mulheres empenhadas em refletir e anunciar Sua Palavra, em produzir a Teologia que nasce da experiência de fé de Seu Povo. E quando Ele vier, as encontrará vigilantes e acordadas, rins cingidos e lâmpadas acesas, e as sentará à mesa de sua Festa (cf. Lc 12, 35).

“Homens e mulheres habitarão suas casas, homens e mulheres comerão o mesmo pão, beberão o mesmo vinho e dançarão juntos na praça iluminada, celebrando as núpcias de toda a humanidade”¹³.

¹³ I. GEBARA, art. cit., 14.

Maria Clara Lucchetti Bingemer tem mestrado em Teologia pela Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É professora de Teologia na mesma Faculdade, na Universidade Santa Úrsula e no Instituto Teológico dos Franciscanos (Petrópolis). Publicou, juntamente com J. B. Libânio: *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.